



IMPACTO DOS PARTOS DISTÓCICOS NA REPRODUÇÃO E PRODUÇÃO DE VACAS LEITEIRAS: REVISÃO DE LITERATURA

Wilson Antônio Pereira Júnior^{1*}, Ronaldo Alves Martins².

¹Discente no Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Bom Despacho/MG – Brasil – *Contato: wilsonjunior4560@gmail.com

²Docente do Curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Una – Bom Despacho/MG – Brasil

INTRODUÇÃO

Os distúrbios obstétricos nas vacas provocam perdas econômicas expressivas para a atividade leiteira, resultando em redução da eficiência produtiva da vaca, aumento do trabalho, menor grau de concepção, perda de produção, perda de animais, elevação dos custos de produção com sêmen, mão de obra e terapias. Por este motivo, a preocupação com a saúde e fertilidade dos rebanhos leiteiros é sempre crescente ^{4,13}.

O melhoramento genético e a dieta aplicada para produção de leite contribuíram para a formação de crias maiores, o que concorre para o aumento da prevalência de partos distóxicos nos últimos anos. A distocia pode afetar o sistema reprodutivo das fêmeas bovinas no período pós-parto e influenciar diretamente na lucratividade da pecuária leiteira, sendo importante conhecer as implicações desta condição e elaborar estratégias para minimizar os prejuízos ^{1,13}.

Esta revisão bibliográfica tem o objetivo de destacar as informações mais relevantes relativas ao impacto produtivo e reprodutivo que os partos distóxicos provocam na bovinocultura de leite.

METODOLOGIA

Para realização desta revisão de literatura foram pesquisados artigos científicos em *sites* como PUBMED e Scielo, além de livros e outras fontes acadêmicas, preferencialmente publicadas nos últimos 10 anos.

RESUMO DE TEMA

O parto é um procedimento natural que se divide em 3 estágios que ocorrem de maneira gradual quando em condições naturais. No primeiro estágio, ocorre dilatação dos tecidos moles do canal reprodutivo, finalizando com a dilatação total da cérvis e aparecimento do saco amniótico. O segundo estágio é caracterizado pela expulsão do feto, finalizado quando o bezerro está completamente livre do canal do parto. Já o terceiro estágio compreende o período inicial do nascimento do bezerro até a eliminação das membranas fetais, que geralmente transcorre nas primeiras 24 horas. O tempo entre o aparecimento do saco amniótico até a expulsão do bezerro é de aproximadamente 65 a 70 minutos ^{9,14}.

A eutocia, também chamada de parto normal ou fisiológico, é caracterizada pela ocorrência espontânea e dentro do período fisiológico de duração da gestação. As complicações acontecem quando o primeiro ou segundo estágio do parto tem duração superior ao habitual, sendo necessária assistência. A assistência ao momento do nascimento do bezerro não necessariamente resulta em distocia. No parto assistido, é exigida uma pequena intervenção, como o reposicionamento do membro do feto para se consumir o nascimento ^{7,8,11}.

A distocia pode ser definida como dificuldade ao parto, podendo variar de um pequeno atraso no procedimento de expulsão do feto até incapacidade da vaca de parir e decorre de alguma anormalidade de origem materna ou fetal, sendo a última mais frequente. A espécie bovina é uma das que mais apresenta quadros de distocia em relação às outras espécies de animais domésticos. Dentre as anormalidades de origem materna, as causas mais frequentes de partos distóxicos são: alterações pélvicas, alterações uterinas, como torção e atonia uterina, condição corporal das matrizes, ordem de parto e tempo de gestação. Já as anormalidades de origem fetal incluem: alterações de tamanho e peso corporal do bezerro, malformações fetais, estática fetal, posição inadequada e gestação gemelar ^{2,10,13,16}.

Em casos de partos distóxicos é necessário o acompanhamento obstétrico com um médico veterinário, que deve realizar o diagnóstico de forma rápida e efetiva, além de decidir pela melhor forma de intervenção, podendo ser clínica, farmacológica ou cirúrgica. A realização de manobras obstétricas como tração, retropulsão, rotação e versão é muito empregada na rotina para que o feto consiga passar pelo canal do parto. Essas manobras devem ser executadas com cautela e no momento adequado para não lesionar o sistema reprodutivo da fêmea ou o feto ^{2,11}.



Figura 1: Intervenção humana em um parto distóxico para correção de torção uterina (Fonte: Borges, 2011).

Os partos distóxicos tem como consequência a elevação dos índices de mortalidade de bezerros, redução das taxas de concepção, perdas reprodutivas das fêmeas, redução da produção de leite e descarte de animais. Esta condição também resulta em custos adicionais com atendimento veterinário, horas extras de trabalho, medicamentos e o valor do próprio animal. O bem-estar das vacas também é diretamente afetado, em virtude das dores e lesões decorrentes de todo o processo conturbado de expulsão do feto. As consequências dos partos distóxicos tem efeitos negativos no setor financeiro da fazenda e seus custos podem atingir até 25% na mortalidade de bezerros e vacas, 34% na fertilidade e 41% na produção ¹.

O impacto da distocia é proporcional à dificuldade do parto, portanto, quanto maior o grau da distocia, pior é o impacto na vida produtiva e reprodutiva da vaca e do bezerro. Os bezerros nascidos de partos distóxicos tem probabilidade de 3 a 24 vezes maior de morrer ao nascimento por consequência dos traumas, elevação da incidência de doenças ou inabilidade de adaptação à vida. A taxa de mortalidade é quase 2 vezes maior no momento do desmame ¹.

As vacas que passaram por partos distóxicos demonstram aumento do estresse e têm maior propensão a desenvolver outras doenças e problemas em partos futuros. As vacas sentem dores, o tempo de involução uterina é aumentado, bem como o tempo de serviço até a concepção e o intervalo entre partos. O parto distóxico tem efeito deletério também sobre a produção de leite. Os efeitos da redução da produção podem ser percebidos por até 6 meses de lactação. As perdas atingem principalmente as vacas de alto potencial genético e no início da lactação, possivelmente por provocar diminuição da ingestão de matéria seca. Os animais são mais propensos a serem descartados devido a esta condição, influenciando diretamente na produção de leite acumulada ^{3,6,15}.

Portanto, para reduzir a ocorrência de distocia nos rebanhos leiteiros é necessário adotar medidas de prevenção na propriedade. As medidas preventivas devem possibilitar que as vacas gestantes tenham boas condições ambientais e nutricionais, além de aumentar a seleção genética para facilidade no parto, pois esta condição depende tanto da genética do touro quanto da vaca. O manejo de criação também deve ser aperfeiçoado, sendo fundamental a observação dos animais no período periparto, pois a intervenção precoce auxilia na prevenção de distocias mais severas e morte de bezerros ⁴.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ocorrência de partos distóxicos gera prejuízos para a bovinocultura de leite de forma direta, através da mortalidade de bezerros e vacas, e também de forma indireta, por meio da diminuição da produção de leite por um grande período de tempo, gastos com medicamentos e redução dos índices reprodutivos. O controle da distocia com o acompanhamento



IX Colóquio Técnico Científico de Saúde Única, Ciências Agrárias e Meio Ambiente

das vacas no período periparto e intervenções competentes e oportunas, bem como a utilização da genética para aperfeiçoar características de facilidade de parto, podem reduzir a ocorrência de partos difíceis e, conseqüentemente, perdas econômicas para os produtores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. ABDELA, N.; AHMED, W. M. Risk Factors and Economic Impact of Dystocia in Dairy Cows: A Systematic Review. *Journal of Reproduction and Infertility*, [s.l.], 7(2), 63-74, 2016.
2. ANDOLFATO, G. M.; DELFIOL, D. J. Principais causas de distocia em vacas e técnicas para correção. *Revista Científica De Medicina Veterinária*, 16, 2014.
3. BARRIER, A. C.; HASKELL, M. J. Calving difficulty in dairy cows has a longer effect on saleable milk yield than on estimated milk production. *Journal of Dairy Science*, 94(4), 1804-1812, 2011.
4. BARRIER, A. C.; HASKELL, M. J.; BIRCH, S.; BAGNALL, A.; BELL, D. J.; DICKINSON, J.; DWYER, C. M. The impact of dystocia on dairy calf health, welfare, performance and survival. *The Veterinary Journal*, 195, 86-90, 2013.
5. BORGES, K. D. 2011. Distocias em bovinos. FESURV – UNIVERSIDADE DE RIO VERDE, Faculdade De Medicina Veterinária, Rio Verde, 2011.
6. KAYA, I.; UZMAY, C.; AYYILMAZ, T. Effects of dystocia on milk production and reproduction in subsequent lactation in a Turkish Holstein herd. *Turkish Journal of Veterinary and Animal Sciences*, 39, 87-95, 2015.
7. LANDIM-ALVARENGA, F. C. Parto Normal. In: PRESTES, N. C. et al. *Obstetrícia Veterinária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 107-123, 2017.
8. MEE, J. F. Newborn dairy calf management. *Veterinary Clinics of North America: Food Animal Practice*, 24, 1-17, 2008.
9. MIEDEMA, H. M.; COCKRAM, M. S.; DWYER, C. M.; MACRAE, A. Behavioural predictors of the start of normal and dystocic calving in dairy cows and heifers. *Applied Animal Behaviour science*, 132, 14-19, 2011.
10. NOAKES, D. E. *Fertilidade e Obstetrícia em Bovinos*. São Paulo: Ed. Varela, 1991.
11. PRESTES, N. C. Distocias de Causa Materna. In: PRESTES, N. C.; LANDIMALVARENGA, F. C. *Obstetrícia Veterinária*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. p. 229-241, 2017.
12. SANTOS, J. E. P.; BISINOTTO, R. S.; RIBEIRO, E. S.; LIMA, F. S.; GRECO, L. F.; STAPLES, C. R.; SPENCER, T. E. Applying nutrition and physiology to improve reproduction in dairy cattle. *Reproduction in Domestic Ruminants*, 7, 387-403, 2011.
13. SARDER, J. U.; et al. Prevalence of obstetrical disorders in dairy cows of northern Bangladesh. *Asian Journal of Medical and Biological Research*, 216-221, 2015.
14. SCHUENEMANN, G. M. Calving management in dairy herds: Timing of Intervention and Stillbirth. *The Ohio State University Extension, Ohio, USA*, 29, 1-6, 2012.
15. TENHAGEN, B. A.; HELMBOLD, A.; HEUWIESER, W. Effect of Various Degrees of Dystocia in Dairy Cattle on Calf Viability. *University of Liverpool Library. Journal of Veterinary Medicine*, 54, 98-102, 2007.
16. TONIOLLO, G. H.; VICENTE, W. R. *Manual de obstetrícia veterinária*. São Paulo: Ed. Varela, 2003.